

Devedores reclamam de discriminação

LUCIA TORIBIO
Enviada Especial

PARIS — Os acordos para o pagamento da dívida externa firmados nos últimos quatro anos foram integralmente cumpridos pelo Brasil, que, no entanto, não recebeu dos países credores a reciprocidade do tratamento político ao problema. A afirmação foi feita ontem pelo Presidente José Sarney, depois de um encontro com os Presidentes do México, Carlos Salinas, do Peru, Carlos Andrés Pérez, e do Uruguai, Julio Sanguinetti, que também participam das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa.

Sarney criticou o espírito separista dos países ricos que, segundo ele, pode ser identificado até mesmo "de forma visual" durante as festividades. O Presidente se referia ao jantar que será oferecido hoje, no Hotel de La Marine, pelo Primeiro-Ministro francês Michel Rocard, no qual os 33 Chefes de Estado convidados estarão divididos em dois salões, um exclusivamente para os sete grandes, e outro para os representantes dos demais países.

— Não podemos construir mais o Mundo separando ricos e pobres — desabafou Sarney.

Os países em desenvolvimento, segundo Sarney, têm pago um preço político muito alto pela falta de compreensão dos países ricos no tratamento da dívida. Para esta posição, o Presidente recebeu apoio de importantes setores da sociedade francesa, que, nos últimos dias, encaminharam ao Governo deste país uma série de documentos pedindo ao Presidente Mitterrand que interceda junto aos sete grandes para rever as negociações feitas até agora.

No encontro, durante o café da manhã de ontem, o Presidente Sarney e os demais chefes de Estado la-



Radiofoto Reuter

Sarney cumprimenta Sanguinetti, do Uruguai, no encontro dos devedores

tino-americano que se encontram em Paris defenderam um maior entrosamento e troca de informações entre os países, a fim de promover negociações mais favoráveis, apoiadas no tripé de redução do principal, redução dos juros e dinheiro novo.

Os quatro Presidentes também analisaram os desdobramentos da nova organização mundial que está se desenrolando, com a formação de grandes blocos, e defenderam a aceleração da implantação de mecanismos de maior entrosamento da Amé-

rica Latina, que ficará ainda mais isolada e vulnerável quando se concretizarem a unificação da Europa, do bloco oriental — Japão, Coreia do Sul, Hong Kong, Cingapura e, provavelmente, Tailândia — e Estados Unidos e Canadá. Para fazer frente a esta nova organização, os países latinos, no entendimento dos Presidentes, devem promover a modernização de suas economias, até chegar a uma abertura completa do mercado, para, num segundo estágio, promoverem a unificação econômica do continente.